

## Boris Pasternak -- A Semana Santa

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Boris Pasternak -- A Semana Santa", *Colóquio/Letras*, n.º 165, Set. 2003, p. 94-95.

## A SEMANA SANTA

Pairam as trevas em redor,  
Tão cedo é em todo o mundo  
Que há nas estrelas um alvor  
Inumerável e diurno,  
E a própria terra, se pudesse,  
Mau grado a Páscoa ficaria  
Ao som dos salmos a dormir.

Pairam as trevas em redor,  
Tão cedo é em toda a terra  
Que antes do dia e do calor  
Um milenário nos espera,  
E entre os caminhos ensonados  
Pesa uma eterna encruzilhada.

Está nua a terra e despojada  
Para que vibrem as matinas  
E a meio da noite repercutam  
Todos os cânticos divinos,

E desde Quinta-Feira Santa  
Até o Sábado de Aleluia  
As águas abrem turbilhões  
E às próprias margens as perfuram.

E nas florestas, também nuas,  
Toda a semana altos abetos,  
Erguidos, alto os altos fustes,  
Foram um povo imerso em preces.

E na cidade em que, reunidas,  
Têm sessões intermináveis,  
As árvores nuas já se inclinam  
Ante as igrejas gradeadas.

Têm os olhos assombrados  
E a sua angústia é muito clara:  
Solta-se a terra das amarras,  
Os jardins saem das clausuras.  
É Deus, é Deus que se sepulta!

E vêm luzes no santuário,  
Círios e olhos a chorar,  
O grande véu negro de luto...  
Já o santíssimo Sudário  
Da via sacra sai de súbito,  
E duas folhas que ele encontra  
Logo recuam para a sombra.

Vai o cortejo dando a roda  
Ao adrozinho, e de regresso  
Traz do ar livre, lá de fora,  
Toda a retórica da terra,  
O sabor acre e o gosto de hóstia  
Da Primavera que embebeda!

E Março espalha no lajedo  
A sua neve aos infelizes:  
Dir-se-ia um homem que ao partir  
O tabernáculo despeja  
Para oferecer o pão bendito.

Canta-se até de madrugada.  
Sob os lampiões do arrabalde  
E nos terrenos já confusos,  
O eco dos salmos vem pesado,  
Embragado de soluços.

Mas de repente, à meia-noite,  
Silenciará todo o ser vivo.  
E desde o alvor a Primavera  
Aos quatro ventos comunica  
Que doravante a morte espera  
O grande esforço do Domingo.

«Versos de Iuri Jivago»,  
*O Doutor Jivago* (1957)